

A educação de surdos na perspectiva dos alunos ouvintes

Elaine Sueli da Silva Pinto¹ (FM)*, Ana Carolina Garcia de Oliveira (PQ).

Suelipvh2009@hotmail.com

LIBRAS, Formação de Professores de Química, Ensino de Química.

Resumo: Ensinar alunos surdos é uma atividade que ainda necessita romper diversas barreiras, visto que, a maioria dos professores não está apta para exercer sua docência ao se deparar com essa situação, afinal os surdos possuem uma linguagem própria – LIBRAS. Diversas são as polêmicas que se formam em torno da educação escolar dos surdos por se tratar de uma educação bilíngue. As pesquisas deste trabalho foram realizadas em três escolas da rede pública de ensino de Porto Velho no estado de Rondônia e no curso de química na Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Mediante a essa situação, este trabalho visa identificar alguns aspectos sobre a cultura surda, tais como o *status* que o idioma LIBRAS representa para alunos ouvintes, as concepções sobre educação especial e inclusiva entre os participantes da pesquisa, além de aspectos sobre a formação necessária para professores de Química atuarem com alunos surdos.

Introdução

A história de educação da comunidade surda é marcada por controvérsias e descontinuidades. O Congresso de Milão foi um importante marco na história da educação dos surdos. Foi um evento mundial ocorrido em Milão (Itália) em 1880, onde foi discutido qual seria o melhor método para a educação de surdos. Nesse evento internacional reuniram-se 174 congressistas, profissionais dedicados à educação de surdos: franceses, italianos, alemães, suecos, suíços e americanos. Nesse congresso foi estabelecido que o melhor método seria o oralismo¹, sendo proibido o uso de língua de sinais a partir dessa data (FELIPE, 2005).

A partir daí, iniciou-se uma repressão da linguagem gestual. Nas escolas, os alunos eram obrigados a sentarem sobre as mãos, portas e janelas foram retiradas das salas de aula para impedir a comunicação entre alunos, professores e seus auxiliares deveriam deixar as escolas e os institutos, tudo isso com o objetivo de coibir o uso da língua de sinais. Assim o controle dos estudantes surdos, o conhecimento e todas as disposições sobre sua educação, passaram para os cientistas médicos e sociais (SKLIAR, 2010).

Todavia, atualmente no Brasil, os alunos surdos são educados na perspectiva do bilinguismo, ou seja, primeiramente eles entram em contato com a linguagem gesto visual, posteriormente, são levados a aprender a língua escrita do país a que pertence.

O alfabeto manual brasileiro sofreu diversas mudanças ao decorrer da história, tendo sido influenciado pela Língua de Sinais Americana (ASL – American Sign Language) e pela Língua de Sinais Francesa (LSF – Langue des Signes Française), trazido pelo francês Edward Huet, ainda na época imperial, o qual foi adaptado dando origem a Linguagem Brasileira de Sinais, uma linguagem visual e gestual que foi amplamente difundida e assimilada no Brasil (ALBRES, 2005).

¹ Oralismo: É um método de ensino para surdos, no qual se defende que a maneira mais eficaz de ensinar o surdo é através da língua oral, ou falada (SKLIAR, 2010).

Porém, foi apenas em abril de 2002 que foi oficializada e reconhecida em âmbito federal a LIBRAS, conforme a lei N° 10.436, de 24 de abril de 2002:

Dispõe sobre a LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS e dá outras providências. Eu o presidente da república faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1 - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo Único. Entende-se como LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora. Com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Apesar da Declaração de Salamanca (1994) preconizar a inclusão de alunos com necessidades especiais em salas de aulas regulares, também é possível encontrar classes especiais, onde somente alunos com determinadas particularidades são matriculados, caracterizando a educação inclusiva e a educação especial, respectivamente.

É muito comum definir o povo surdo como uma minoria linguística, levando-se em consideração o fato de que a Língua de Sinais é utilizada por um grupo restrito de usuários (SKLIAR, 2010). Não se pretende discutir aqui os fatores que geram a exclusão do surdo, porém faz-se necessário a apresentação de dados e informações significativas que favorecem o conhecimento dessa realidade linguística.

No Brasil, cerca de 5 milhões de pessoas fazem uso da LIBRAS, sendo a segunda língua de maior uso dentro do país (FENEIS, s/d). Similarmente, nos Estados Unidos, a ASL (American Sign Language) é a terceira língua de maior uso no país (SKLIAR, 2010). Embora essas línguas de sinais abranjam este patamar, elas alcançam a mesma importância ou *status* social, acadêmico ou linguístico que o inglês, o português, o espanhol, o francês e outros?

Com a finalidade de refletir sobre estes e outros aspectos da cultura surda, foi desenvolvida uma pesquisa a respeito do tema em três colégios públicos de rede estadual desta cidade e na Universidade Federal de Rondônia. Além do *status* social da LIBRAS em relação aos alunos ouvintes, procuramos identificar as concepções sobre educação especial e inclusiva entre os participantes da pesquisa, além de aspectos sobre a formação necessária para professores de Química atuarem com alunos surdos. Para isso foram elaborados dois questionários, um entregue a alunos dos três colégios públicos e outro a alunos do curso de química da UNIR. Passamos, então, a apresentar e discutir os dados obtidos a partir desta investigação.

Resultados e Discussão

Respostas dos Alunos das Escolas Públicas

O questionário entregue nas 3 escolas foi respondido por todos os alunos presentes nas salas, totalizando 136 alunos adolescentes e adultos, os quais estavam distribuídos em 3 turmas: 2º ano – EJA, 2º ano regular e uma turma de 3º ano que prepara seu alunos exclusivamente para o vestibular – O Terceirão. Para não gerar

nenhum tipo de constrangimento ou conflito entre os alunos, solicitou-se que os mesmos não colocassem nome ou identificassem o questionário que lhes foi entregue.

Quadro 1. Questionário entregue a alunos ouvintes das escolas pesquisadas

1) De acordo com suas prioridades, enumere sequencialmente abaixo, os idiomas que você gostaria de fazer: () LIBRAS-Língua Brasileira de Sinais () Inglês () Espanhol () Francês () Italiano
2) Se você pudesse fazer um curso de outro idioma, qual você faria? Justifique.
3) Você conhece algum surdo ou surdo-mudo?
4) Se você fosse surdo, gostaria de estudar em uma escola de ouvintes ou preferiria estudar em uma escola com alunos especiais? Justifique.

As respostas concernentes à primeira questão encontram-se na tabela abaixo:

Tabela 1. Respostas da primeira questão

Idiomas	1º lugar	2º lugar	3º lugar	4º lugar	5º lugar
LIBRAS	20	17	21	9	69
Inglês	66	28	17	14	11
Espanhol	14	33	32	37	20
Francês	25	38	36	26	11
Italiano	11	20	30	50	25

Analisando a tabela acima, observa-se que dos 136 apenas 20 alunos indicaram LIBRAS como primeira opção. Nota-se também que o idioma inglês aparece preferencialmente como primeira opção pela maioria dos alunos. Esta escolha pode ser atribuída ao fato de ser o segundo idioma mais falado no mundo (COSTA, s/d) e o de 'maior' importância no mercado de trabalho, meio acadêmico etc. A indicação do espanhol como segunda opção pode ter alguma relação com o fato de o Brasil ser cercado por países que têm como idioma oficial o espanhol. Em relação aos outros idiomas, também latinos, francês e italiano, embora não se tenham comunidades de pessoas fluentes nestes idiomas no estado de Rondônia, a escolha deles pode ser explicada pela influência da mídia, ou ainda pelo próprio interesse pessoal do aluno.

Em relação à segunda questão, a maioria dos alunos indicou que gostaria de fazer inglês – 57. Outros informaram que gostariam de fazer idiomas como: francês – 22, espanhol – 13, japonês – 10, alemão – 9, italiano – 9, LIBRAS – 6, chinês – 3, latim – 3, russo – 1 e ainda um aluno indicou que não gostaria de fazer nenhum curso de idiomas. É importante citar que 95 % dos alunos justificaram suas respostas. Dentre as principais justificativas destacam-se:

- Inglês. O mercado de trabalho dá mais preferência para quem sabe inglês;
- Alemão, porque é uma língua muito difícil de falar e não temos a oportunidade de aprender;
- Chinês, pois me interessa pela cultura deles;

- Espanhol, por ser fácil de aprender;
- Francês, pois além de ser um idioma lindo e interessante, é bem legal a pronúncia das palavras;
- Italiano, porque acho linda a fala deles;
- Japonês, porque gosto da cultura desse país;
- Latim, para saber um idioma interessante;
- LIBRAS, pra poder interagir com aqueles que são especiais, me comunicar com eles e conhecê-los melhor;
- Russo. Porque é um idioma totalmente diferente e seria muito interessante e me relacionar melhor;

Em relação à terceira questão, a maioria dos alunos, 97, responderam que conhecem algum surdo ou surdo-mudo; os demais 39 indicaram que não conhecem. Alguns deles expressaram:

- Sim conheço, meu filho.
- Sim tenho amigos surdos.
- Sim conheço um e tenho uma irmã.

E quanto à última questão, 86 alunos responderam que prefeririam estudar em uma escola especial caso fossem surdos. As principais justificativas apresentadas pelos alunos foram:

- Numa escola especial, porque eu ia ser tratado com indiferença pelos outros alunos.
- Escola especial, pois eu não ia ser o único diferente;
- Com alunos especiais, pois lá todos iam ser iguais a mim;
- Em uma escola de alunos especiais, pois ela seria muito mais capacitada em proporcionar o ensino;
- Em uma escola especial, pois acho que me conviveria melhor;
- Com alunos especiais, porque ainda os professores não estão prontos para atender eles na escola comum;
- Então, eu gostaria de estudar numa escola com alunos como “eu” porque me sentiria melhor e não gostaria de atrapalhar alunos em perfeito estado;
- Em uma escola especial pelo motivo de ser especialmente para surdos, teria menos preconceito e melhor capacidade de acompanhar meus estudos.
- Alunos especiais porque eu teria mais facilidade de aprender;
- Em uma escola com alunos especiais, pois nem todas as pessoas tem paciência de lhe dar com pessoas especiais;

Alguns apontamentos acima denotam que a surdez é sinônimo de ser diferente, outro ainda vai mais além ao descrever alunos *não surdos* como “alunos em perfeito estado”. Estes parecem fazer parte do amplo grupo de pessoas que interpreta a surdez

Como uma deficiência e não como uma experiência de uma falta. Ora, os surdos, enquanto grupo organizado comunitária/culturalmente, não se definem como “deficientes auditivos”, ou seja, para eles o mais importante não é frisar a atenção sobre a falta ou deficiência da audição; os surdos se definem de forma cultural e linguística (SÁ, 2006, p.6).

Ademais, analisando as respostas acima, questões como convívio social e igualdade de condições, evidenciam-se como a principal preocupação dos alunos parecendo-lhes que “As limitações que o surdo enfrenta para se constituir como sujeito que vive em sociedade decorrem de sua educação” (LODI e LACERDA, 2009).

Outros 45 alunos prefeririam escola de ouvintes e expuseram suas justificativas dentre as quais estão:

- *Alunos comuns, porque a igualdade deve ser para todos e não para alguns;*
- *Numa escola normal para não me sentir tão excluído;*
- *Se hoje em dia as pessoas é para serem consideradas iguais, por qual motivo estudar em uma escola especial? Simplesmente ter um problema não significa que não possa ser considerado igual;*
- *Numa escola normal porque não ia ser nenhum E.T.*
- *Com ouvintes, para não me sentir tão excluída e tentar uma convivência com outras pessoas.*
- *Preferiria em uma escola de ouvintes, pois no mundo lá fora, a gente não escolhe com quem vai conviver.*
- *De ouvintes, porque independentemente de alguém ser surdo, ela continua sendo normal igual a qualquer pessoa surda ou não;*
- *Gostaria de estudar em uma escola normal; eu me adaptaria e todos a minha volta também, e ficaria bem melhor;*
- *Em uma escola normal para me adequar normalmente à sociedade;*
- *Preferiria em uma escola de ouvintes, pois no mundo lá fora, a gente não escolhe com quem vai conviver.*

As justificativas explicitadas por esses alunos parecem entrar em consonância com a seguinte afirmação de Botelho (2002, p.15):

Estudar em escola para ouvintes faz parte das expectativas de muitos surdos e de seus pais. O ensino regular constitui, em algum momento, uma espécie de oásis num deserto árido de chances para surdos. Ou então, a resposta mais integradora que um estudante surdo pode ter.

Parece-lhes que o modelo ou ideia de educação especial subestima os surdos e todas as suas capacidades.

Ainda 5 alunos indicaram indecisão em suas respostas justificando:

- *Bom eu acho que seria bom pra mim me adaptar a uma escola onde tem ouvintes, só que eu já tinha que ir com o pensamento que eu ia ficar meio perdida no começo e por*

outro lado, acho melhor estudar em uma escola onde tem pessoas iguais a mim, eu me sentiria melhor.

– A que fosse melhor para o meu aprendizado;

– Tanto faz o que importaria era igualdade, e o ensino para me tornar capacitado;

– Numa escola que me respeite, que me compreende, que aceite da forma que sou não importa os que me rodeiam sejam ouvintes ou não, a sociedade deve aceitar a todos do jeito que cada um é.

– Se fosse surdo eu não gostaria de estudar nem em uma escola especial e nem de ouvintes, preferiria estudar em casa;

Respostas dos Alunos do Curso de Química da Unir

De acordo com a legislação, todo curso de formação de professores deve ter a LIBRAS como componente curricular obrigatório.

Art. 3º - A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior... de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005).

Contudo, atualmente, nenhum dos cursos de licenciatura da UNIR possui a disciplina de LIBRAS em sua grade curricular, nem como disciplina obrigatória e nem como disciplina optativa. Com a intenção de conhecer um pouco sobre as concepções dos futuros professores sobre a LIBRAS e sobre a cultura surda, foi elaborado outro questionário para que esses acadêmicos expressassem suas opiniões. O questionário abaixo foi entregue a alunos do 2º, 4º, 6º e 8º período do curso de licenciatura plena em química da UNIR, totalizando 57, todos adultos.

Quadro 2. Questionário entregue a alunos do curso de química da UNIR

1) Que cursos de idiomas, que poderiam ser inseridos em sua grade curricular acadêmica, complementariam sua formação de professor de química? Justifique.
2) Prioritariamente, enumere as lacunas abaixo, com idiomas que você gostaria de fazer: () LIBRAS-Língua Brasileira de Sinais () Inglês () Espanhol () Francês () Italiano
3) Você conhece algum surdo ou surdo-mudo?
4) Você como futuro professor de química, gostaria de lecionar para alunos surdos? Justifique.

Em relação à primeira questão, os alunos indicaram que os idiomas: inglês, LIBRAS, espanhol e alemão poderiam ser inseridos em suas grades curriculares conforme a distribuição presente na tabela abaixo:

Tabela 2. Respostas da primeira questão

Inglês	Nenhum Idioma	Inglês e LIBRAS	Inglês e Espanhol	LIBRAS	Espanhol	Inglês e Alemão	Inglês, Espanhol e LIBRAS
25	11	7	5	4	2	1	1

Conforme se observa na tabela acima, 4 alunos responderam que apenas LIBRAS poderia ser inserida como disciplina em suas grades curriculares e apresentaram as seguintes justificativas:

- LIBRAS, seria muito bom poder contar com esse curso na grade curricular, onde deveria ajudar na escola com um melhor desenvolvimento lecionando para eles.
- Curso de LIBRAS, pois eu gostaria de ministrar aulas mais explícitas.
- LIBRAS. Este idioma deveria fazer parte das grades curriculares e não depender da formação continuada.
- LIBRAS para levar conhecimento a alunos com necessidades especiais, otimizando o ensino de forma igualitária entre alunos sadios e com necessidades especiais.

Em relação aos 25 alunos que indicaram apenas o idioma inglês, somente 22 alunos justificaram suas respostas. Dentre as principais justificativas apresentadas destacam-se:

- Para a continuidade de conhecimento, ou seja, o inglês no caso é prioritário para o professor de química.
- Inglês, pois na química existem muitas palavras e artigos em inglês.
- Inglês, pois tem muitos artigos escritos nesse idioma e termos químicos que seria muito interessante de aprendermos.
- Inglês, pois é a língua priorizada mundialmente para divulgar conhecimento científico ou mesmo pesquisas de eminentes evoluções e divulgadas.

Dos dois alunos apontaram o espanhol como idioma a ser inserido e apenas um justificou:

- Espanhol, assim o professor teria a possibilidade de lecionar em outros países.

Lembrando que o estado de Rondônia faz fronteira com a Bolívia, que é um país de língua espanhola.

As demais respostas obtidas envolveram mais de um idioma, sendo algumas justificativas descritas abaixo.

- Inglês e espanhol além de LIBRAS. Os dois primeiros por serem os mais requisitados para o domínio de outros idiomas (falados) e o último para incentivar a inclusão de deficientes (surdos-mudos) em sala de aula.
- Inglês e espanhol, por ser um curso onde há formação do professor e de pesquisadores precisa ter o idioma oficial do mundo, onde a carreira está desenvolvendo muito.
- Inglês e LIBRAS, a língua inglesa ajuda os alunos na leitura de artigos e a LIBRAS é mais na questão da inclusão.

– Deveria ser inseridos pelo menos dois cursos o de inglês e o de LIBRAS, pois como futura professora precisarei do curso de inglês para o mestrado e doutorado e também o de LIBRAS para dar aula.

Em relação à segunda questão, dos 57 alunos que responderam essa questão, 8 não especificaram suas preferências indicando apenas alguns idiomas sem nenhuma numeração, assinalando apenas uma opção. As demais respostas indicaram que o idioma inglês seguido do espanhol é preferência da maioria dos alunos conforme se pode notar na tabela 3:

Tabela 3. Respostas à segunda questão

Idiomas	1º lugar	2º lugar	3º lugar	4º lugar	5º lugar
LIBRAS	13	11	12	5	8
Inglês	33	14	1	0	1
Espanhol	2	21	17	5	4
Francês	0	2	14	25	8
Italiano	1	1	5	14	28

Em relação à terceira questão, 36 alunos afirmaram que conhecem algum surdo ou surdo-mudo e 21 alunos disseram que não conhecem nenhum surdo ou surdo-mudo.

Em relação à última questão, 45 alunos informaram que gostariam de dar aulas pra alunos surdos, porém apenas 42 justificaram suas respostas.

As justificativas mais relevantes apresentadas por esses 42 alunos podem ser divididas em quatro categorias. A primeira contém aqueles que encaram a possibilidade de dar aulas para surdos como um ofício obrigatório da profissão e destacam igualdade de direitos tanto para alunos surdos quanto os alunos ouvintes:

- *Sim, porque a educação não é limitada só aos ditos “normais”, mas livre a todos;*
- *Como futuro professor, ensinar será nosso dever. A escolha de “a quem” não depende de nós;*
- *Sim, porque eles têm o mesmo direito que nós;*
- *Sim, pois química é uma matéria necessária para vestibulares e para completar o ensino médio. Todos devem ter esse direito de estudar química;*
- *Sim, pois acredito que para um professor que deseja ensinar não deva existir barreiras;*
- *Sim. Todos têm direito de ter acesso ao conhecimento.*
- *Sim, pois acho um trabalho muito bonito e que iria satisfazer meu lado pessoal;*

A segunda categoria seriam aqueles que encaram essa possibilidade de dar aulas pra surdos como um desafio e uma boa experiência profissional:

- *Sim, porque temos muito que aprender com eles;*
- *Sim, porque um aluno com deficiência só me engrandeceria como professora, provando que independentemente da situação eu consigo instruir bem;*
- *Sim, seria uma experiência boa;*

- *Sim, pois seria ótimo ensinar para vários tipos de pessoas com determinadas diferenças;*
- *Sim, seria um desafio interessante;*
- *Sim, seria um desafio muito grande, principalmente pra eu testar minhas capacidades;*
- *Sim, porque seria uma aprendizagem nova pra mim e para eles.*

A terceira seriam aqueles que encaram essa possibilidade enfatizando as competências, habilidades e limitações dos alunos surdos:

- *Sim, pois não podemos deixar de ensinar a nenhum aluno, mesmo tendo algumas dificuldades especiais;*
- *Sim porque sei que um aluno surdo-mudo tem o mesmo potencial de aprendizagem que um aluno “normal”. Basta o professor querer e se esforçar assim como instigar o aluno na sua aprendizagem;*
- *Sim. Os mesmos têm dificuldades, mas não significa que os mesmos não possam aprender e até se tornarem um de nós;*
- *Sim! Porque eles têm capacidade igual a nossa para estudar e nós aprendendo a língua deles seria mais fácil;*
- *Sim, o aluno não ouvinte pode ter uma limitação quanto ao ouvir a matéria, mas normalmente tem a mesma capacidade que outros. Então vale o esforço em adequar-se as suas necessidades;*

Por fim, seriam aqueles que frisaram a questão da inclusão social:

- *Sim, pois eles devem ser inseridos através da educação na sociedade;*
- *Sim, devemos ajudar essas pessoas a se inserirem na sociedade e ajudá-los a adquirir conhecimento.*

Dentre as demais justificativas relevantes que não se enquadram e nem uma das quatro categorias anteriormente citadas, vale destacar:

- *Sim. Seria uma maravilha lecionar numa sala só com alunos surdos, pois não haveria barulho, nem gritaria;*
- *Sim. Não vejo quantidade de professores que seja suficiente para suprir a necessidade de alunos em questão e até mesmo não tenho conhecimento de grandes incentivos por parte dos órgãos de educação.*

Em relação ao restante dos alunos, quatro indicaram indecisão em suas respostas afirmando não saber. E dez afirmaram que não gostariam de dar aula para alunos surdos, porém, apenas nove justificaram suas respostas:

- *Não, pois ainda existe muita limitação nas tecnologias científicas em LIBRAS;*
- *Não, pois ia sentir insegura;*
- *Nunca pensei nesta possibilidade, entretanto se tivesse a opção de escolher, preferiria não lecionar pra surdos. Acredito que seria muito difícil ensinar química em LIBRAS;*
- *Não. Creio que é mais difícil para transmitir conhecimento;*

- Não, pois iria encontrar muitas dificuldades, já que a grade do curso não oferece muito quanto a isso;
- Não. A dificuldade não vale o salário;
- Não. Não sei como me comunicar com alunos assim;
- Não. Acho muito difícil, mas torço pra que haja esta prosperidade para eles!
- Não. É uma disciplina muito complexa para ensinar via sinais.

Provavelmente, essa insegurança ou dificuldade é decorrente do pouco conhecimento desses alunos sobre a cultura surda. Como foi dito anteriormente, a universidade ainda não conta com disciplinas na área de LIBRAS. Sabemos que apenas o estudo da LIBRAS não garantirá o sucesso do processo de ensino aprendizagem quando esses alunos se tornarem professores de surdos, mas o conhecimento da cultura surda e a reflexão das dificuldades enfrentadas no ensino de química para surdos pode tornar o processo mais favorável.

Além da formação desses futuros professores, outro desafio a ser enfrentado é a falta de terminologia específica de química na LIBRAS. Conforme aponta Sousa e Silveira (2011), são poucos os sinais referentes a termos químicos que estão presentes na literatura, nesse sentido, a criação e divulgação de sinais referentes a conceitos químicos se torna necessária e urgente.

Considerações Finais

De maneira geral, o ensino de química para alunos surdos pode ser considerado um território de ampla investigação educacional através de um conjunto de concepções linguísticas (SKLIAR, 2010). As aulas passaram a ser espaço de troca de experiências onde a aprendizagem ultrapassa os saberes químicos.

Alfabetizar alunos com culturas diferentes é um choque tanto para o professor ouvinte quanto para o aluno surdo, por não entenderem de imediato o complexo linguístico um do outro. Não é suficiente conhecer a língua de sinais para poder atuar eficazmente na escola com o aluno surdo. É também necessário conhecer a Cultura Surda através da participação e vivência na comunidade surda, aceitação da diferença e paciência para inteirar-se nela (VILHALVA, 2004, p.1).

Por meio de dados apresentados neste trabalho de pesquisa, pôde-se verificar que a Língua Brasileira de Sinais não apresenta o mesmo *status* social, cultural ou até mesmo acadêmico que línguas como o inglês, o francês, o italiano e as demais línguas citadas, para os alunos das escolas pesquisadas. Embora tais opiniões tenham sido obtidas em apenas algumas escolas da rede pública da cidade de Porto Velho, acredita-se que estas opiniões expressas sejam uma realidade também das demais escolas não só do estado de Rondônia mais de todo o restante da comunidade estudantil do Brasil.

No que se refere à preparação ou capacitação de professores para atuarem em sala com alunos surdos, a Universidade Federal de Rondônia em pouco contribui, pois nenhum dos cursos de licenciatura da universidade oferece a disciplina de LIBRAS. Espera-se que em pouco tempo a universidade mude esse quadro educacional capacitando e preparando adequadamente os futuros professores para lidarem com as mais diversas situações educacionais encontradas nas escolas de nosso estado, em especial a educação de alunos surdos. Contudo, enquanto os profissionais capacitados para trabalharem com essas disciplinas não forem contratados, cremos que a inserção

dos licenciandos em química em salas de aulas inclusivas ou especiais durante o período de estágio pode contribuir para a aquisição de conhecimentos da cultura surda.

Referências Bibliográficas

- ALBRES. N, A. **História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande**, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005. Disponível em: < <http://www.editora-arara-azul.com.br>> Acesso em: 08/06/11.
- BOTELHO. P. **Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos**, Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BRASIL. Decreto nº 5.625, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002.
- COSTA, R. Qual o idioma mais falado do mundo? **Revista Escola Abril**. S/d. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/qual-idioma-mais-falado-mundo-mandarim-ingles-497578.shtml>> Acesso em: 11/01/11.
- FELIPE. T, A. **Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Estudante**. 6ª Edição, Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2005.
- FENEIS, **Quantitativo de Surdos no Brasil**, S/d. Disponível em: <<http://www.feneis.com.br/page/quantitativo.asp>> Acesso em: 08/06/11.
- KULISZ. B. **Professores em Cena**. 2ª Edição, Rio Grande do Sul: Medição, 2006.
- LODI. A, C, B; LACERDA. C, B, F. **Uma Escola Duas Línguas: Letramento em Língua Portuguesa e Língua de Sinais nas Etapas de Escolarização**, Rio Grande do Sul: Medição, 2009.
- SÁ. N, R, L. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SKLIAR. C. **A Surdez, Um Olhar Sobre as Diferenças**. 4ª Edição, Rio Grande do Sul: Medição, 2010.
- SOUSA, S. F; SILVEIRA, H. E. Terminologias Químicas em Libras: A Utilização de Sinais na Aprendizagem de Alunos Surdos, **Química Nova na Escola**, v. 33, n.1, 2011.
- VILHALVA. S. **Pedagogia Surda**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br>> Acesso em: 08/06/11.